

Deborah Harkness

Autora de *A DESCOBERTA DAS BRUXAS*



SOMBRA DA NOITE

ROCCOINHA

Copyrighted material

Deborah Harkness



Tradução de Márcia Frazão

ROCCO

*Para Lacey Baldwin Smith, exímio contador de histórias e historiador,
que muito tempo atrás me sugeriu que escrevesse um romance.*

O passado não pode ser curado.

– ELIZABETH I, RAINHA DA INGLATERRA

Sumário

PARTE I

Woodstock: a Velha Cabana

PARTE II

Sept-Tours e a aldeia de Saint-Lucien

PARTE III

Londres: Blackfriars

PARTE IV

O Império: Praga

PARTE V

Londres: Blackfriars

PARTE VI

Novo Mundo, Velho Mundo

Libri Personae: Personagens do Livro

Agradecimentos

Créditos

A Autora

PARTE I

WOODSTOCK: A VELHA CABANA





Quando chegamos mais parecíamos uma trouxa indigna de uma bruxa e um vampiro. Os longos membros de Matthew se curvavam desengonçados debaixo de mim. Com o impacto da aterrissagem um livro volumoso abriu-se entre nós dois e a pequena imagem de prata que estava na minha mão rolou pelo chão.

– Será que estamos no lugar certo? – perguntei e apertei os olhos porque talvez ainda estivéssemos no celeiro de Sarah na Nova York do século XXI e não na Oxfordshire do século XVI. Odores desconhecidos me fizeram ver que não estávamos no meu espaço e no meu tempo de origem. O odor de mato adocicado com um toque de vela de cera de abelha se sobressaiu e me fez lembrar do verão. E ao odor da fumaça da lenha seguiu-se o crepitar do fogo nos meus ouvidos.

– Abra os olhos, Diana, e veja por si mesma. – Os lábios delicados e gelados de Matthew tocaram na minha face como uma pena, seguidos por uma risadinha. Os olhos da cor do mar tormentoso que me olharam de um rosto extremamente pálido só podiam ser de um vampiro. Suas mãos percorreram meu pescoço e desceram até meus ombros. – Tudo bem com você?

Acabávamos de retroceder a um passado longínquo de Matthew e meu corpo parecia prestes a se partir com qualquer lufada de vento. Eu não sentia nada parecido desde as breves sessões de viagem no tempo que fazíamos na casa de minha tia.

– Estou ótima. E você? – Abstive-me de olhar ao redor e olhei para Matthew.

– Estou aliviado por estar em casa. – Ele tombou a cabeça no assoalho de madeira com um suave baque, fazendo dispersar o aroma de verão dos juncos e das lavandas espalhados por todos os lados. Mesmo em 1590, a Velha Cabana ainda lhe era familiar.

Já com os olhos adaptados à penumbra, pude observar uma boa cama, uma pequena mesa, bancos estreitos e uma única poltrona. Um corredor do outro lado dos pilares entalhados que sustentavam o dossel da cama ligava um aposento a outro, e a luz se derramava nas cobertas e no piso com um retângulo de ouro mal-traçado. Os painéis de madeira nas paredes do quarto aparentemente talhados sobre tecidos fizeram-me lembrar que já os tinha visto nas minhas poucas visitas à casa de Matthew no meu tempo presente. Inclinei a cabeça para trás e notei que o reboco maciço do teto era encaixotado em quadrados com uma espalhafatosa rosa Tudor incrustada em cada recesso.

– As rosas eram obrigatórias na época em que a casa foi construída – comentou Matthew em tom seco. – Não as suporto. Pintaremos de branco na primeira oportunidade.

Uma súbita lufada de ar atirou as chamas douradas e azuladas de um castiçal, iluminando o canto de uma tapeçaria ricamente colorida e os retalhos escuros de uma colcha esmaecida com uma estamparia de folhas e frutas. Um esplendor nunca igualado por nenhum tecido moderno.

Sorri subitamente empolgada.

– Eu realmente consegui. Não errei o alvo, não paramos em outro lugar como Monticello ou...

– Você não errou, não – disse ele sorrindo. – Foi magnífica. Bem-vinda à Inglaterra de Elizabeth.

Pela primeira vez na vida entrei em êxtase pelo fato de ser uma bruxa. Como historiadora, estudava o passado. Mas como bruxa visitava-o em carne e osso. Nós tínhamos viajado até o ano de 1590 para que eu pudesse estudar a arte perdida da magia, mas naquele lugar havia muito mais coisas para serem aprendidas. Curvei a cabeça para celebrar com um beijo, mas a porta se abriu com um rangido e me deixou petrificada.

Matthew pôs o dedo nos meus lábios para me calar. Girou ligeiramente a cabeça e abriu as narinas. Só descontraíu quando reconheceu quem estava no aposento ao lado, o ponto de onde ecoava um tênue farfalhar. Ergueu o livro e me fez levantar com um único movimento. Conduziu-me pela mão até a porta.

Um homem estava à frente de uma mesa coberta de correspondências no aposento ao lado. Era um tipo robusto de cabelos castanhos despenteados com uma aparência impecável e luxuosas roupas de fino corte. Murmurava alguma coisa estranha, pontuada por palavras em tom baixo e quase inaudível.

O choque cobriu o rosto de Matthew que logo abriu os lábios com um sorriso afetuoso.

– Onde é que está você, meu doce Matt? – O homem ergueu uma página contra a luz. Um segundo depois os olhos de Matthew se apertaram e a indulgência cedeu lugar ao desprazer.

– Procurando alguma coisa, Kit?

Ao ouvir essas palavras o jovem deixou o papel cair sobre a mesa e rodopiou com o rosto iluminado de alegria. Eu já tinha visto aquele rosto em um exemplar de *O judeu de Malta*, de Christopher Marlowe.

– Matt! Pierre me disse que você estava em Chester e que não poderia voltar para

casa. Mas eu sabia que não deixaria nossa reunião anual de lado.

As palavras me soaram familiares, mas com uma estranha cadência que me exigiu muita atenção para entendê-las. O inglês elisabetano não era muito diferente do inglês aprendido na minha escola, mas nem minha familiaridade com as peças de Shakespeare o tornava mais compreensível.

– Por que está sem barba? Esteve doente?

Os olhos de Marlowe cintilaram quando se deram conta de minha presença, com uma intensidade que o fez parecer tão desagradável quanto qualquer outro demônio.

Eu tive que me conter para não sair correndo em direção a um dos maiores dramaturgos ingleses para cumprimentá-lo e depois metralhá-lo com perguntas. Logo que o vi à frente, o pouco que sabia dele simplesmente evaporou de minha cabeça. Será que ele havia encenado alguma peça em 1590? Que idade tinha na ocasião? Sem dúvida alguma era mais jovem que eu e Matthew. Marlowe ainda não tinha chegado aos trinta. Sorri calorosamente para ele.

– Onde você encontrou isso aí? – Ele apontou para mim, com a voz destilando desprezo. Olhei por cima do ombro em busca de alguma obra de arte hedionda. Só havia espaço vazio.

Ele se referia a mim. Meu sorriso entortou.

– Seja gentil, Kit – disse Matthew, com uma carranca.

Marlowe deu de ombros.

– Isso não importa. Sirva-se dela se for preciso antes que os outros cheguem. Se for preciso. George esteve aqui por algum tempo. Claro, comendo sua comida e lendo seus livros. Ainda está sem patrono, o nome dele não vale um centavo.

– George pode se servir de tudo que é meu, Kit. – Matthew cravou os olhos no outro com um semblante inexpressivo e levou nossas mãos entrelaçadas à boca. – Diana, esse é o meu caro amigo Christopher Marlowe.

Depois da apresentação Marlowe me observou com mais atenção. Mediu-me da cabeça aos pés com um descaso evidente e um ciúme dissimulado. Estava realmente apaixonado pelo meu marido. Já suspeitara disso em Madison quando passei os dedos por cima da dedicatória de Marlowe para Matthew em um exemplar de *Fausto*.

– Eu não fazia ideia de que havia um bordel em Woodstock especializado em mulheres altas. Suas prostitutas geralmente são mais delicadas e charmosas, Matthew. Essa é uma verdadeira amazona – disse Kit, fungando e olhando por cima do ombro para a bagunça de papéis espalhados sobre a mesa. – Segundo a Velha Raposa, você faria uma viagem ao Norte a negócios e não para se divertir. Como encontrou tempo para desfrutar dos serviços dela?

– É impressionante como você desperdiça carinho, Kit – balbuciou Matthew em tom de advertência.

Aparentemente mais interessado na correspondência espalhada sobre a mesa, Marlowe não captou a advertência e sorriu com malícia. Matthew apertou a minha mão.

– Diana é o nome verdadeiro ou ela o adotou para incrementar o fascínio entre os clientes? Talvez com um peito desnudo e um arco e flecha dependurado ao ombro – disse Marlowe enquanto pegava uma pilha de papéis. – Lembra que a Bess de Blackfriars pedia para ser chamada de Afrodite antes de deixar...

– Diana é minha esposa. – Matthew não estava mais do meu lado e não segurava mais a minha mão e sim a gola de Marlowe.

– Não. – O rosto de Kit expressou choque.

– Sim. Ou seja, ela é a senhora desta casa, carrega meu nome e está sob minha proteção. Por isso... e pela nossa longa amizade, é claro, daqui para a frente não quero ouvir nem críticas nem maledicências a respeito de minha esposa vertendo de sua boca.

Remexi os dedos para reanimá-los. Na fúria, Matthew enterrara o anel do terceiro dedo de minha mão esquerda em minha pele, deixando uma marca vermelha. Embora sem facetas, o diamante no centro do anel atraía o calor do fogo. Esse anel de diamante tinha sido presenteado inesperadamente por Ysabeau, a mãe de Matthew, que na ocasião o fez repetir as palavras da velha cerimônia de casamento e enfiá-lo no meu dedo – isso se dera horas antes... ou séculos atrás?

Dois vampiros entraram na sala, acompanhados de um tinir de pratos. Um homem esguio de cabelos e olhos negros, com um rosto inexpressivo e uma pele da cor de avelã fustigada pelo tempo. Segurava uma jarra de vinho e uma taça com uma haste em formato de golfinho que se equilibrava sobre uma cauda. O outro vampiro era uma mulher ossuda que carregava uma bandeja de pão e vinho.

– Milorde, o senhor voltou – disse o homem, com ar confuso. Estranhamente, o sotaque francês facilitou a compreensão da frase. – Na quinta-feira um mensageiro disse...

– Mudei de planos, Pierre. – Matthew se voltou para a mulher. – Françoise, minha esposa perdeu todos os pertences durante a viagem e as roupas ficaram tão sujas que tive que queimá-las. – Ele mentiu com a maior cara de pau. Nem os vampiros nem Kit pareceram convencidos.

– Sua esposa? – repetiu Françoise cujo sotaque era parecido com o de Pierre. – Mas ela é um b...

– Bom sangue-quente. – Matthew terminou a frase e tirou a taça da bandeja. – Diga ao Charles que temos outra boca para alimentar. Diana não tem passado muito bem e o médico aconselhou que se alimentasse de carne fresca e peixe. Alguém terá que ir até o mercado, Pierre.

Pierre pestanejou.

– Sim, milorde.

– E ela vai precisar de alguma coisa para vestir – observou Françoise, olhando-me de cima a baixo. Matthew assentiu com a cabeça e a mulher sumiu de vista seguida por Pierre.

– O que houve com seu cabelo? – Matthew segurou um cacho ruivo como se fosse um morango.

– Oh, não – murmurei, erguendo as mãos. Meu cabelo liso e louro à altura dos ombros tinha se transformado em cachos dourados com tons avermelhados à altura da cintura. Nos tempos de colégio, quando encenei Ofélia, personagem de *Hamlet*, isso também tinha acontecido com meu cabelo. A mudança de cor e o crescimento abrupto e desnaturado não eram um bom sinal. A bruxa despertara de dentro de mim durante nossa viagem ao passado. Não havia outra explicação para essa nova manifestação de magia.

De um lado os vampiros farejaram a adrenalina da súbita onda de ansiedade que seguiu essa tomada de consciência ao mesmo tempo em que ouviram a música executada pelo meu sangue, e do outro o demônio Kit sentiu a elevação da minha energia de bruxa.

– Pela tumba de Cristo! – O sorriso de Marlowe se impregnou de malícia. – Você trouxe uma bruxa para casa. Que mal ela fez?

– Deixe pra lá, Kit. Isso não é da sua conta. – A voz de Matthew assumiu de novo um tom de comando e em seguida ele acariciou meu cabelo com os dedos. – *Mon coeur*, não se preocupe. Garanto que isso é uma simples fadiga.

Meu sexto sentido ardeu de desacordo. Essa última transformação não podia ser explicada como uma simples fadiga. Como eu era uma bruxa de descendência, ainda não fazia uma ideia exata da extensão dos poderes que herdara. Nem tia Sarah nem sua companheira Emily Mather – também bruxas – tinham sido capazes de explicar que poderes eu tinha e como podia controlá-los. Os testes científicos realizados por Matthew haviam detectado marcadores genéticos de potencial mágico no meu sangue, mas sem especificar se essas possibilidades poderiam se realizar e em que circunstâncias.

Antes que pudesse levar a preocupação adiante, Françoise retornou com a boca cheia de alfinetes e mais alguma coisa que parecia uma agulha de costura. Surgiu atrás

dela uma pilha andante de veludo, lã e linho. As pernas morenas e compridas embaixo da pilha indicaram que Pierre estava enterrado em algum lugar lá dentro.

– Para que serve isso? – perguntei, apontando para os alfinetes com ar desconfiado.

– Para madame caber nisso, é claro. – Françoise tirou de cima da pilha de tecidos um corte marrom que lembrava um saco de farinha. Claro que o tecido não me pareceu uma escolha agradável, mas meus poucos conhecimentos da moda elisabetana me deixaram à mercê dela.

– Vá lá para baixo que é seu lugar, Kit – disse Matthew para o amigo. – Logo estaremos juntos. E trate de segurar a língua. Essa história é minha e não sua. Eu é que devo contá-la.

– Se quer assim, tudo bem, Matthew. – Marlowe puxou a bainha do gibão cor de amora para parecer indiferente, mas foi traído pelo tremor das mãos e fez uma pequena reverência com ar zombeteiro. Esse movimento compacto reconhecia o comando de Matthew e ao mesmo tempo o boicotava.

Depois que o demônio se retirou, Françoise pôs o saco em cima de um banco e andou em círculos em volta de mim para me estudar e estabelecer uma linha de ataque mais favorável ao meu corpo. Suspirou exasperada e começou a me vestir. Matthew olhou para a pilha de papéis espalhados em cima da mesa e saiu naquela direção. Fixou os olhos na pequena caligrafia sobre um pacote retangular impecavelmente dobrado e selado com uma gota de cera rosada e o abriu.

– *Dieu*. Eu me esqueci disso. Pierre!

– Milorde? – Soou uma voz abafada nas profundezas dos tecidos.

– Largue isso e me fale sobre a última reclamação de lady Cromwell. – O tratamento de Matthew para Pierre e Françoise era um misto de familiaridade e autoridade. Pensei comigo que precisaria de um bom tempo para dominar a arte de tratar os serviçais dessa maneira.

Os dois começaram a cochichar perto da lareira enquanto eu era enrolada, alfinetada e amarrada para me tornar mais apresentável. Françoise resmungou alguma coisa sobre o meu brinco desemparelhado, uma peça de ouro finamente trançado que pertencera a Ysabeau. Esse brinco era um dos itens que nos tinham feito optar por uma viagem até aquele tempo passado em particular, os outros eram o exemplar do *Fausto* que estava com Matthew e a pequena estatueta de Diana. Françoise remexeu num baú que estava por perto e encontrou um par de brincos. Com o problema das joias resolvido, ela me fez vestir meias grossas até os joelhos e fixou-as com fitas vermelhas.

– Acho que estou pronta – eu disse já ansiosa para descer a escada e começar a visita ao século XVI. A leitura de livros sobre o passado não se igualava a vivenciá-lo,

como pude comprovar no meu breve colóquio com Françoise e no curso intensivo que fiz sobre o vestuário do período.

Matthew inspecionou minha aparência.

– Isso vai funcionar... por enquanto.

– Ela terá que fazer algo mais com essa aparência modesta e nada memorável – comentou Françoise –, exatamente como uma bruxa deve parecer dentro desta casa.

Matthew ignorou as palavras de Françoise e se dirigiu a mim.

– Diana, economize as palavras quando descermos. Embora Kit seja um demônio e George saiba que sou um vampiro, as criaturas de mente aberta também desconfiam de tudo que é novo e diferente.

Lá embaixo, no grande saguão, encontramos George, o amigo de Matthew sem tostão e sem patrocínio, e torci para que tivéssemos uma típica noite elisabetana.

– Essa mulher está falando *inglês*? – George engasgou, erguendo os óculos redondos que lhe ampliaram os olhos azuis até se parecerem com os de um sapo. Pousou a outra mão no quadril e fez uma pose igual a uma outra que já tinha visto retratada em uma miniatura no Museu Victoria e Albert.

– É que ela vive em Chester – disse Matthew de imediato. George pareceu cético. Pelo visto nem os selvagens do Norte da Inglaterra podiam ser responsabilizados pelo meu péssimo sotaque. O de Matthew era suave e combinava melhor com a cadência e o timbre da época, mas o meu permanecia resolutamente moderno e americano.

– Ela é uma bruxa – corrigiu Kit, tomando um gole de vinho.

– Verdade? – George me analisou, com um interesse renovado. Nenhum sinal indicou que aquele homem era demônio, nem o formigamento provocado pelas bruxas nem o congelamento provocado pelo olhar dos vampiros. George era apenas um sangue-quente comum... um humano que aparentava meia-idade e cansaço, como se já bastante maltratado pela vida. – Acontece, Matthew, que nem você nem Kit gostam de bruxas. Aliás, você sempre me desencorajou a me debruçar sobre o tema. Uma vez me sentei para escrever um poema sobre Hécate e você disse que...

– Mas gosto desta. Gosto tanto que me casei com ela. – Matthew o interrompeu e beijou-me na boca para convencê-lo.

– Casado com ela! – George desviou os olhos para Kit, pigarreando. – Então, há duas alegrias inesperadas para celebrar: você não se atrasou por causa dos negócios, como pensou Pierre, e retornou com uma esposa. Minhas congratulações.

– Reprimi o riso com o tom solene que me fez lembrar um discurso de formatura. Ele fez uma mesura para mim e retribuí. – Eu sou George Chapman, sra. Roydon.

O nome me era familiar. Vasculhei o desorganizado conhecimento estocado no

meu cérebro de historiadora. Chapman não era alquimista; minha especialidade era essa e o nome dele não se encontrava nos espaços devotados ao tema. Talvez também fosse escritor, como Marlowe, mas não consegui me lembrar de nenhuma obra dele.

Após as apresentações, Matthew sentou-se à lareira junto aos convidados por alguns minutos. Falaram de política e George se esforçou para me incluir na conversa com perguntas sobre as condições das estradas e do tempo. Falei o mínimo possível enquanto observava os gestos e as palavras em voga que me ajudariam a passar por uma elisabetana. Encantado com minha atenção, George me recompensou com uma longa dissertação de suas últimas experiências literárias. Mas Kit não gostava de ser relegado ao segundo plano e interrompeu a palestra de George para oferecer uma leitura de sua última versão de *Fausto*.

– Servirá como um ensaio entre amigos – disse o demônio, com um brilho nos olhos –, antes da verdadeira apresentação que será mais tarde.

– Agora não, Kit. Já passa da meia-noite e Diana está cansada da viagem – disse Matthew, ajudando-me a ficar de pé.

Kit cravou os olhos em nós quando nos retiramos da sala. Sabia que escondíamos algo. Já tinha dito uma frase um tanto estranha quando me aventurei a entrar na conversa, e também se mostrara pensativo quando Matthew não conseguiu se lembrar do lugar onde guardara o alaúde dele.

Matthew me alertara antes de nossa partida de Madison que Marlowe era muito mais perceptivo que os outros demônios. Isso me fez perguntar quando descobriria o que escondíamos dele. A resposta a essa pergunta veio depois de algumas horas.

Na manhã seguinte, aproveitei o aconchego da cama quentinha para conversar com Matthew enquanto a casa estava em rebuliço.

A princípio, ele se mostrou disposto a responder minhas indagações sobre Kit (filho de um sapateiro) e sobre George (que para minha surpresa não era muito mais velho que Marlowe). Mas quando passei para assuntos práticos como administração da casa e comportamento feminino, ele rapidamente se entediou.

– E quanto às minhas roupas? – perguntei para fazê-lo se concentrar nos problemas imediatos.

– Não acho que mulheres casadas durmam assim – disse ele, avançando e desamarrando a gola plissada da camisola de linho. Já estava prestes a plantar um beijo debaixo de minha orelha para me persuadir do seu ponto de vista quando alguém abriu as cortinas da cama. A luminosidade do sol da manhã me fez fechar os olhos.

– E então? – disse Marlowe.

Um segundo demônio moreno espiou por cima do ombro de Marlowe. Parecia um

vibrante *leprechaun* de constituição franzina e queixo pontudo acentuado por uma barba avermelhada. Pela aparência fazia semanas que o cabelo dele não via um pente. Fechei a frente da camisola um tanto constrangida pela transparência e porque não vestia roupas íntimas.

– Kit, você viu os desenhos do mestre White, de Roanoke. Essa bruxa não se parece com os nativos da Virgínia – disse o demônio desconhecido, com ar desapontado. Levou algum tempo para reparar que Matthew o encarava. – Ora, bom-dia, Matthew. Posso pedir emprestado o seu instrumento de medição? Prometo que dessa vez não o levarei para o rio.

Matthew encostou a testa no meu ombro, fechou os olhos e gemeu.

– Ela deve ser do Novo Mundo... ou da África. – Marlowe se recusou a dizer meu nome. – Ela não é nem de Chester, nem da Escócia, nem da Irlanda, nem de Gales, nem da França nem do Império. E não acho que seja alemã ou espanhola.

– Bom-dia para você, Tom. Existe alguma razão para que vocês dois estejam discutindo o lugar de origem de Diana aqui na minha cama? – Matthew amarrou as fitas de minha camisola.

– É bom que fique deitado, e ainda mais se esteve fora de si por conta da malária. Kit acha que você se casou com a bruxa durante uma crise de febre. Já que não haveria outra explicação para tanta imprudência. – Tom agitou-se ao estilo demoníaco e respondeu a indagação de Matthew sem dificuldade. – As estradas estão secas e nós chegamos algumas horas atrás.

– E o vinho já está quase acabando – reclamou Marlowe.

– Nós?

Ainda havia outros? A Velha Cabana já estava lotada.

– Fora! Madame precisa se lavar antes de receber os convidados. – Françoise entrou no quarto, com uma bacia de água quente nas mãos e Pierre à esteira, como sempre.

– Aconteceu alguma coisa importante? – perguntou George do lado oposto das cortinas. Entrou no quarto sem fazer cerimônia, frustrando a intenção de Françoise de colocá-los para fora. – Lorde de Northumberland está sozinho no saguão de entrada. Eu nunca o trataria desse modo se ele fosse o meu patrono!

– Hal está lendo um tratado sobre a construção de uma balança que recebi de um matemático de Pisa. Isso o satisfaz plenamente – retrucou Tom em tom cortante, sentando-se à beira da cama.

Fiquei entusiasmada quando me dei conta de que a pessoa a quem ele se referia era Galileu. Em 1590, Galileu era um professor recém-chegado à Universidade de Pisa.

Sua obra sobre a balança ainda não tinha sido publicada.

Tom. Lorde de Northumberland. Alguém que tinha se correspondido com Galileu.

Fiquei boquiaberta de admiração. O demônio empoleirado na coberta da cama era Thomas Harriot.

– Françoise está certa. Fora. Todos vocês – disse Matthew em tom tão cortante quanto o de Tom.

– E o que dizemos ao Hal? – perguntou Kit, com um olhar significativo em minha direção.

– Que já vou descer – respondeu Matthew, rolando na cama e me puxando para mais perto.

Esprei que os amigos de Matthew saíssem do quarto para esmurrá-lo no peito.

– Por que fez isso? – Ele gemeu fingindo que tinha doído, mas só consegui machucar meu próprio punho.

– Porque você não me disse quem eram os seus *amigos!* – Apoiei-me de costas sobre os cotovelos e olhei fixamente para ele. – O grande dramaturgo Christopher Marlowe. George Chapman, poeta e erudito. Thomas Harriot, matemático e astrônomo, se bem me lembro. E o Conde Mago está esperando lá embaixo!

– Não consigo me lembrar de quando Henry ganhou esse apelido, mas até agora ninguém o chama assim. – Matthew parecia se divertir comigo e isso me deixou ainda mais furiosa.

– Só precisamos de *sir* Walter Raleigh para que toda a Escola da Noite esteja na casa. *Thomas Harriot. Christopher Marlowe. George Chapman. Walter Raleigh. E...* – Quando mencionei o lendário grupo de filósofos e livre pensadores radicais, Matthew desviou os olhos para a janela. – Quem é você agora, Matthew? – Não me passara pela cabeça lhe fazer essa pergunta antes de partirmos.

– Matthew Roydon – respondeu e inclinou a cabeça como se estivéssemos sendo apresentados naquele momento. – Amigo dos poetas.

– Os historiadores não sabem quase nada a seu respeito – disse eu impressionada. Matthew Roydon era uma figura sombria associada à misteriosa Escola da Noite.

– Está surpresa agora que já sabe quem é Matthew Roydon de verdade? – Ele arqueou a sobrancelha negra.

– Ora, estou surpresa para uma vida inteira. Você devia ter me avisado antes de me jogar no meio de tudo isso.

– E o que você faria? Antes de partirmos, mal tivemos tempo de nos vestir e muito menos de fazer pesquisas. – Ele saiu da cama. Nosso momento de privacidade tinha sido lamentavelmente breve. – Não há motivo para se preocupar. Eles são homens

comuns, Diana.

A despeito do que Matthew afirmou, eles não eram comuns. Além de ter opiniões heréticas, a Escola da Noite zombava da corte corrupta da rainha Elizabeth e ridicularizava as pretensões intelectuais da Igreja e da universidade. “Loucura, perversão e perigo”, isso descrevia bem o grupo. Não tínhamos participado de uma aprazível reunião de amigos na noite de Halloween. Tínhamos caído no meio de um vespeiro de intrigas elisabetanas.

– Deixando de lado quão imprudentes possam ser seus amigos, não espere que eu não fique impressionada ao ser apresentada para pessoas que estudei a vida inteira – eu disse. – Thomas Harriot é um dos astrônomos mais famosos dessa época. Seu amigo Henry Percy é alquimista.

Pierre, que certamente conhecia os sintomas de mulheres estressadas, rapidamente estendeu uma calça preta para que meu marido estivesse com as pernas protegidas quando minha raiva irrompesse.

– E ainda Walter e Tom. – Matthew ignorou a oferta da calça e esticou o queixo. – Kit também se aventura, mas sem êxito. Trate de não comentar o que sabe sobre eles. De qualquer forma, seria errado. E também seja cuidadosa com os rótulos modernos – acrescentou e finalmente vestiu a calça. – Há muito que Will anseia pela Escola da Noite, como se para dar um soco em Kit.

– Não estou nem aí para o que William Shakespeare fez ou esteja fazendo ou fará no futuro... desde que não esteja no grande saguão junto com o conde de Northumberland! – retruquei enquanto saía da cama.

– Claro que Will não está lá embaixo. – Matthew sacudiu a mão em descrédito. – Walter não aprova a métrica dele e Kit o considera um embusteiro, um ladrão.

– Ainda bem, isso é um alívio. O que planeja contar para eles a meu respeito? Marlowe já sabe que estamos escondendo alguma coisa.

Os olhos cinza-esverdeados de Matthew se encontraram com os meus.

– A verdade, talvez. – Pierre estendeu um gibão preto com um acolchoamento intrincado, olhando por cima do meu ombro como um bom criado autêntico. – Que você é uma caminhante do tempo e uma bruxa do Novo Mundo.

– A verdade – repeti secamente.

Pierre ouviu tudo sem demonstrar reação. Matthew o ignorou como se ele fosse invisível. E me perguntei se ficaríamos ali até que me esquecesse da presença dele.

– E por que não? Tom anotarà cada palavra que você disser, para compará-las com as anotações que já fez sobre a língua algonquina. Afora isso, ninguém prestará muita atenção. – Matthew estava mais preocupado com as roupas do que com as reações dos

amigos.

Françoise chegou acompanhada de duas jovens humanas carregadas de roupas limpas. Apontou para minha camisola e me enfiei atrás da coluna da cama para me despir. Agradei pelos meus anos em vestuários que tinham varrido meus escrúpulos de trocar roupa na frente de estranhos e puxei a camisola pelos quadris acima a fim de tirá-la pela cabeça.

– Kit vai prestar muita atenção. Ele está procurando uma razão para não gostar de mim e isso lhe dará muitas razões.

– Ele não será um problema – disse Matthew confidencialmente.

– Marlowe é seu amigo ou seu fantoche?

– *Mon Dieu*. – A expressão soou horrorizada e abafada enquanto acabava de tirar minha camisola.

Fiquei petrificada. Françoise estava vendo a cicatriz em forma de lua crescente que se estendia de ponta a ponta nas minhas costas e se juntava com a cicatriz em forma de estrela entre os meus ombros.

– Vestirei a madame – disse ela com frieza para as aias. – Deixem as roupas aí e retornem aos seus afazeres.

As aias se retiraram com uma reverência apressada e olhares curiosos. Mas não tinham visto as marcas. Logo que se retiraram, nós três começamos a falar ao mesmo tempo. Françoise fez uma pergunta aflita “quem fez isso?” que colidiu com a resposta de Matthew “ninguém deve saber disso” e com minha justificativa defensiva “é só uma cicatriz”.

– Alguém marcou você com o distintivo da família Clermont – frisou Françoise, balançando a cabeça em negativa. – Aquele que é usado por milorde.

– Nós rompemos o acordo. – Lutei para afastar o mal-estar que revirava o meu estômago toda vez que me lembrava da noite em que tinha sido marcada como traidora por outra bruxa. – Isso foi uma punição da Congregação.

– É por isso então que vocês estão aqui. – Françoise bufou. – Esse acordo foi uma ideia maluca desde o início. Philippe de Clermont não deveria ter levado essa ideia adiante.

– Mas foi o que nos manteve a salvo dos humanos. – Eu não tinha grandes amores nem pelo acordo nem pelos nove membros da Congregação que o faziam valer, mas era inegável que durante muito tempo manteve as criaturas sobrenaturais longe dos olhos dos humanos. Antigas promessas estabelecidas entre demônios, vampiros e bruxas proibiam-nos de nos intrometer nas questões políticas e religiosas dos humanos e também de fazer alianças pessoais entre as três diferentes espécies. As bruxas deviam

se manter unidas apenas entre si, e vampiros e demônios também deviam agir assim. Casos amorosos entre espécies diferentes eram terminantemente proibidos.

– A salvo? Não pense que a senhora está a salvo aqui, madame. Nenhum de nós está. Os ingleses são supersticiosos e propensos a ver fantasmas em cada cemitério de igreja e bruxas ao redor de caldeirões. A Congregação é tudo que existe entre nós e nossa destruição. Vocês foram sensatos ao procurar refúgio aqui. Vamos, a senhora precisa se vestir e se juntar aos outros. – Françoise me ajudou a me livrar da camisola e estendeu uma toalha molhada e um prato com uma gosma dentro que cheirava a alecrim e laranja. Achei estranho ser tratada como uma criança, mas sabia que as pessoas da estirpe de Matthew eram banhadas, vestidas e alimentadas como bonecas. Pierre estendeu para Matthew uma taça que continha um líquido escuro demais para ser vinho.

– Além de ser uma bruxa, ela não é uma *fileuse de temps*? – perguntou Françoise para Matthew, com toda tranquilidade. Essa expressão desconhecida, “fiandeira do tempo”, conjurava as imagens dos inúmeros e diferentes fios coloridos que tínhamos seguido para alcançar aquele passado em particular.

– Isso mesmo. – Matthew balançou a cabeça e sorveu o conteúdo da taça, olhando para mim.

– Mas se ela veio de outro tempo, isso significa... – Françoise arregalou os olhos enquanto pensava. Matthew devia soar e se comportar de outra maneira.

Ela suspeita de que não seja o mesmo Matthew, pensei alarmada.

– Para nós é suficiente saber que ela está sob a proteção de milorde – disse Pierre abruptamente em tom de aviso. Estendeu uma adaga para Matthew. – Isso significa que não é importante.

– Significa que a amo e que ela me ama. – Matthew olhou fixamente para os criados. – Não importa o que eu diga para os outros, essa é a verdade. Entenderam?

– Sim – disse Pierre, com um tom que sugeria o contrário.

Matthew lançou um olhar inquisitivo para Françoise, que por sua vez balançou a cabeça sem dizer nada.

Ela retomou a tarefa de me aprontar e me enrolou numa toalha de linho grossa. Claro que havia reparado nas cicatrizes deixadas no meu corpo após aquele dia interminável com Satu, além das muitas outras marcas. Mas não fez mais perguntas e me acomodou numa poltrona perto da lareira para pentear meu cabelo.

– E esse insulto aconteceu depois que o senhor declarou seu amor pela bruxa, milorde? – perguntou Françoise.

– Sim. – Matthew pôs a adaga à cintura.

– Então, ela não foi marcada por um *manjasang* – murmurou Pierre, utilizando a antiga palavra occitânica para vampiro, “comedor de sangue”. – Ninguém se arriscaria à raiva dos Clermont.

– Não, foi outra bruxa. – A afirmação me fez tremer, mesmo abrigada do ar frio.

– Mas dois *manjasang* permitiram que isso acontecesse – disse Matthew em tom soturno. – E eles vão pagar por isso.

– O que está feito está feito. – Eu não tinha a menor vontade de iniciar um racha entre os vampiros. Já tínhamos desafios demais pela frente.

– Se milorde aceitou-a como esposa depois que a bruxa pegou-a, o caso ainda não está encerrado. – Françoise trançou meu cabelo com mãos ágeis. Ajeitou as grossas tranças ao redor de minha cabeça e prendeu-as com grampos. – Mesmo tendo o nome Roydon nesse país onde não se fala em lealdade, não esqueceremos que a senhora é uma Clermont.

A mãe de Matthew já tinha me avisado que os Clermont formavam um verdadeiro clã. Se no século XXI as obrigações e restrições advindas da associação de criaturas tinham me irritado, em 1590 minha magia era imprevisível e meu conhecimento de feitiçaria era incipiente, sem falar que meus primeiros ancestrais ainda não tinham nascido. Ou seja, já não podia confiar em nada senão em mim mesma e em Matthew.

– Já se foram os tempos em que nossas intenções em relação a cada um de nós eram bem conhecidas. Mas não quero mais problemas agora. – Olhei para o anel de Ysabeau e passei o polegar pelo aro. De repente, a esperança de que passaríamos despercebidos na multidão naquele tempo passado me pareceu ingênua. Olhei ao redor. – E isso...

– Só estamos aqui por duas razões, Diana: encontrar um mestre para você e, se possível, localizar aquele manuscrito.

O misterioso manuscrito Ashmole 782 é que nos tinha aproximado. Passara muito tempo enterrado em segurança entre os milhões de livros da Biblioteca Bodleiana de Oxford, no século XXI. Jamais me passaria pela cabeça que a simples ação de preencher o cartão de requisição do manuscrito desativaria um intrincado feitiço que o amarrava às estantes e que o mesmo feitiço se reativaria no momento em que o devolvi. Assim como não me passaria pela cabeça que se revelariam os muitos segredos a respeito de bruxas, vampiros e demônios contidos em suas páginas. Foi Matthew que achou mais sensato localizar o Ashmole 782 no passado, sem tentar desamarrar o feitiço pela segunda vez no mundo moderno.

– Esta será a sua casa até a hora de voltarmos – acrescentou ele para me dar confiança.

A sólida mobília do aposento me era familiar de museus e catálogos de leiloeiros,

mas a Velha Cabana nunca seria como um lar. Passei a mão na grossa toalha de linho – tão diferente das velhas toalhas de Sarah e Emily já rotas depois de tantas lavagens. Soaram vozes de outro aposento, com uma cadência inimaginável para ouvidos modernos, inclusive para os historiadores. Mas o passado era nossa única opção. Em nossos últimos dias em Madison, outros vampiros tinham deixado claro que estavam à nossa caça quando quase mataram Matthew. Se o resto do nosso plano estava funcionando, passar por uma autêntica mulher elisabetana teria que ser uma prioridade para mim.

– *Ó admirável mundo novo.* – A citação da *Tempestade* de Shakespeare duas décadas antes de ser escrita era uma grosseira violação de minha parte, mas a manhã estava ficando difícil.

– *Para ti isso é novo* – acrescentou Matthew. – Já está pronta para encarar seu problema?

– Claro que estou. Já me vesti. – Empinei os ombros e me levantei da cadeira. – Como se cumprimenta um conde?



Minha preocupação com a etiqueta adequada se mostrou desnecessária. Títulos e medidas não importavam quando o conde em questão era um gentil gigante chamado Henry Percy.

Françoise, para quem a etiqueta importava, tagarelou as próprias opiniões enquanto me vestia com as roupas que havia recolhido: anáguas de alguma outra mulher; um espartilho que além de confinar meu porte atlético me dava uma forma mais feminina; uma bata bordada com gola alta e plissada que cheirava a lavanda e cedro; uma saia preta de veludo em forma de sino e também o melhor paletó de Pierre, a única roupa cujo corte se aproximava do meu tamanho. Mesmo fazendo muita força, ela não conseguiu abotoar o último item à altura dos meus seios. Enquanto apertava as fitas do espartilho prenda o fôlego, encolhi a barriga e torci por um milagre, mas nem a intervenção divina me deu a silhueta de uma sílfide.

Aproveitei esse complicado processo para fazer algumas perguntas. Retratos da época me deixaram na expectativa da pesada gaiola chamada crinolina que servia para acentuar os quadris, mas Françoise explicou que só era para ocasiões mais formais. Em vez disso, ela atou um pano acolchoado em forma de rosca por dentro das saias e ao redor da minha cintura. O único aspecto positivo desse item é que afastava as camadas de panos das minhas pernas e isso me possibilitava caminhar sem dificuldade – se não houvesse móveis pelo caminho chegaria aonde quisesse, desde que me movesse em linha reta. Uma outra coisa que se esperava de mim era a cortesia. Françoise então se apressou em me ensinar como agir enquanto descrevia os vários títulos de Henry Percy – ele era “lorde de Northumberland”, ainda que tivesse Percy como sobrenome e fosse um conde.

Mas de nada me valeu o conhecimento recém-adquirido. Logo que entrei com Matthew no grande saguão, um jovem esguio que chegava de viagem com roupas de couro marrom sujas de lama deu um salto para nos cumprimentar. Ele tinha um rosto largo animado por um olhar inquisitivo com fartas sobrancelhas grisalhas arqueadas até a testa que exibia um pronunciado bico de viúva.

– Hal. – Matthew sorriu com a familiaridade indulgente de um irmão mais velho. Mas o conde ignorou o velho amigo e se voltou para mim.

– Se-se-senhora Roydon. – Os graves profundos e monótonos na inflexão da voz do conde deixavam-na quase imperceptível. Antes de nosso encontro, Matthew já tinha

dito que Henry era ligeiramente surdo e gaguejava desde criança. Mas que se dedicava à leitura labial. Pelo menos poderia conversar com alguém sem me sentir insegura.

– Pelo visto de novo ofuscado pelo Kit – disse Matthew, com um sorriso de pesar.
– Eu queria ter dito pessoalmente para você.

– Que importância tem quem anuncia tão boas notícias? – Lorde de Northumberland fez uma reverência. – Agradeço por sua hospitalidade, senhora, e peço desculpas por cumprimentá-la nesse estado. Ainda é muito cedo para enfrentar os amigos do seu marido. Teria sido melhor se tivéssemos saído tão logo soubemos de sua chegada. A hospedaria seria mais do que adequada.

– O senhor é muito bem-vindo aqui, milorde. – Era o momento de uma reverência, mas a pesada saia preta dificultou o movimento e o espartilho apertado não me permitiu inclinar até a cintura. Posicionei as pernas em reverência, mas bambeei quando inclinei os joelhos. Ainda bem que uma enorme mão me deixou firme.

– Apenas Henry, senhora. Meu nome é muito formal e todos os outros me chamam de Hal. – A voz do conde era deliberadamente suave, como a de muitos deficientes auditivos. Depois de me deixar à vontade, ele se voltou para Matthew. – Por que sem barba, Matt? Esteve doente?

– Uma crise de malária, nada mais. O casamento me curou. Onde estão os outros?
– Matthew olhou em volta à procura de Kit, George e Tom.

À luz do dia o grande saguão de entrada da Velha Cabana era bem diferente. Até então só o tinha visto à noite, mas de manhã o pesado painel era substituído por venezianas inteiramente abertas. O ar fresco deixava o ambiente agradavelmente arejado, apesar da monstruosa lareira à parede. A decoração era feita com fragmentos e peças de cantaria medieval, sem dúvida alguma resgatados por Matthew dos entulhos da antiga abadia erguida naquele lugar – uma face fantasmagórica de um santo, uma armadura e um trevo gótico.

– Diana? – A voz animada de Matthew interrompeu a minha inspeção do mobiliário. – O pessoal está lendo e jogando cartas na sala de estar. Hal não acha correto hospedar-se aqui e juntar-se aos outros sem o convite da senhora da casa.

– É claro que o conde deve hospedar-se aqui, e podemos nos juntar aos seus amigos agora mesmo. – Meu estômago roncou.

– Ou podemos comer alguma coisa – sugeriu ele, com um brilho nos olhos. Já começava a relaxar depois que eu tinha conhecido Henry Percy sem nenhum contratempo. – Já lhe serviram alguma refeição, Hal?

– Pierre e Françoise foram muito atenciosos, como sempre – disse Hal. – Mas se a sra. Roydon quiser se juntar a mim... – À voz do conde se sobrepôs o ronco do estômago dele. Ele era alto como uma girafa e era preciso muita comida para manter

aquele corpo abastecido.

– Eu também estou morta de fome, milorde, ansiosa por um farto café da manhã – eu disse, sorrindo.

– Henry. – O conde me corrigiu delicadamente, com um sorriso que abriu uma covinha no queixo.

– Sendo assim, é melhor que me chame de Diana. Não posso chamar o conde de Northumberland pelo primeiro nome se ele teima em se referir a mim como “sra. Roydon”. – Françoise tinha sido enfática quanto à necessidade de honrar a alta estirpe do conde.

– Tudo bem, Diana – disse Henry, estendendo o braço para mim.

Ele me conduziu ao longo de um corredor arejado até um aconchegante aposento de teto baixo. Era bem-arrumado e convidativo com sua linha de janelas voltadas para o sul. Apesar de ser relativamente pequeno, abrigava três mesas com bancos individuais e coletivos. Um zumbido de atividade pontuado pelo bater de tigelas e panelas me sugeriu que estávamos próximos das cozinhas. Pregado à parede, a página de um almanaque; em cima da mesa central, um mapa; num canto, um candelabro; e no outro, uma travessa de estanho com muitas frutas. Um arranjo ao estilo de vida holandês com o toque desse último detalhe caseiro. Fiquei paralisada e inebriada com o aroma.

– Marmelos. – Estiquei a mão para tocá-los. Eram exatamente conforme os imaginara em Madison quando Matthew descreveu-me a Velha Cabana.

Henry pareceu intrigado com minha reação perante uma corriqueira travessa de frutas, mas era muito educado para fazer algum comentário. Sentamos à mesa e uma criada colocou pão fresco à nossa frente, acompanhado de uma travessa de uvas e um cesto de maçãs. Foi reconfortante aquela refeição familiar. Henry se serviu e só o segui depois que prestei atenção nas frutas selecionadas e em quantas ele havia consumido. As pequenas diferenças sempre afastam os estranhos e eu queria parecer o mais comum possível. Enquanto nos servíamos desses pratos, Matthew se servia de uma taça de vinho.

Henry foi extremamente cortês durante a refeição. Não fez perguntas pessoais e não bisbilhotou os negócios de Matthew em nenhum momento. Preferiu nos divertir com histórias sobre seus cães, suas propriedades e sua mãe autoritária, acompanhadas de um bom suprimento de pães recém-saídos do forno. Quando começou a falar sobre a mudança de sua residência em Londres, ecoou uma barulheira no quintal, mas o conde estava de costas para a porta e, sem perceber nada, seguiu adiante.

– Aquela mulher é impossível! Bem que vocês me avisaram, mas não acreditei que poderia haver tamanha ingratidão. Depois de todas as riquezas que despejei nos cofres

dela, o mínimo que poderia fazer seria... Oh. – Os ombros largos do novo hóspede preencheram todo o umbral da porta, um dos ombros estava envolto por uma capa tão escura quanto o cabelo ondulado debaixo de um esplêndido chapéu de penas. – Matthew, você está doente?

Henry girou o corpo surpreso.

– Bom-dia, Walter. Por que não está na corte?

Tentei engolir um pedaço de torrada. Obviamente, o recém-chegado era *sir* Walter Raleigh, o membro ausente da Escola da Noite de Matthew.

– Expulso do paraíso por falta de uma posição, Hal. E quem é essa? – Os olhos azuis e penetrantes do recém-chegado cravaram em mim e os dentes brilharam atrás de uma barba escura. – Henry Percy, você é um diabinho dissimulado. Kit me disse que você estava a fim de ter um caso com Arabella. Já teria lhe apresentado uma viúva se soubesse que seu gosto se inclina mais para mulheres maduras e menos para garotas de 15 anos.

Madura? *Viúva*? Eu acabava de completar 33 anos.

– Os encantos dessa dama o tiraram da igreja nesse domingo. Nós deveríamos agradecer a ela por você ter desdobrado os joelhos e se colocado em cima de um cavalo, seu verdadeiro lugar – continuou Raleigh, com uma inflexão tão consistente quanto um creme Devonshire.

O conde de Northumberland deixou o garfo de tostar na lareira e olhou para o amigo. Balançou a cabeça em negativa e voltou a tostar um pedaço de pão.

– Saia, entre novamente e pergunte as novidades para Matt. E faça isso com ar de arrependido.

– Não – Walter olhou para Matthew de boca aberta. – Ela é sua?

– E com um anel como prova. – Matthew empurrou um banco debaixo da mesa com a bota. – Sente-se, Walter, e tome um pouco de cerveja.

– Você jurou que jamais se casaria – disse Walter, visivelmente aturdido.

– Foi necessária alguma persuasão.

– Acredito que sim. – Walter se voltou de novo para mim, com um olhar de avaliação. – É uma pena tanto desperdício com uma criatura de sangue-frio. Eu não titubearia por um só instante.

– Diana conhece minha natureza e não se preocupa com minha “frieza”, como acabou de dizer. Além do mais, ela é que precisou ser persuadida. Eu me apaixonei à primeira vista – disse Matthew.

Walter bufou em resposta.

– Não seja cínico, meu velho amigo. Você também pode ser pego pelo Cupido. –

Os olhos cinzentos de Matthew se acenderam com um lampejo de malícia quando ele se lembrou do futuro que esperava por Raleigh.

– Cupido terá que esperar para apontar as setas para mim. No momento estou bastante ocupado em repelir os avanços hostis da rainha e do almirante. – Walter arremessou o chapéu que deslizou na superfície polida de uma mesa próxima e espalhou as peças de um tabuleiro de gamão cujo jogo ainda estava inacabado. Resmungou e sentou-se perto de Henry. – Parece que todos querem um pedaço da minha pele, mas ninguém me dará um tico de atenção enquanto esse problema da colônia pairar sobre a minha cabeça. Fui eu que tive a ideia da celebração de aniversário deste ano, mas aquela mulher escolheu Cumberland para conduzir as cerimônias. – Ficou de novo nervoso.

– Ainda sem notícias de Roanoke? – perguntou Henry amavelmente enquanto estendia um copo de cerveja encorpada e amarronzada para Walter. A menção à fatídica aventura de Raleigh no Novo Mundo fez o meu estômago encolher. Era a primeira vez que alguém mencionava o desenlace de um evento futuro em voz alta, mas não seria a última.

– O mau tempo fez White retornar para Plymouth na última semana. Foi obrigado a abandonar as buscas pela filha e a neta. – Walter sorveu um longo gole de cerveja e olhou para o vazio. – Só Cristo sabe o que aconteceu com elas.

– Quando a primavera chegar, você retornará e poderá encontrá-las – disse Henry seguro de si, mas eu e Matthew sabíamos que os colonos de Roanoke desaparecidos nunca seriam encontrados e Raleigh nunca mais pisaria na Carolina do Norte.

– Rezo para que você esteja certo, Hal. Mas chega dos meus problemas. Sua família é de que parte do país, sra. Roydon?

– Cambridge – respondi baixinho, procurando ser o mais breve e verdadeira possível. Era uma cidade de Massachusetts, não da Inglaterra, mas se começasse a inventar coisas naquele momento nunca conseguiria levá-las adiante.

– Então, a senhora é filha de um erudito. Ou seu pai é um teólogo? Matt adoraria debater as questões da fé com a senhora. Ao contrário de Hal cujos amigos são inúteis em questões de doutrina. – Walter sorveu um outro gole de cerveja e calou-se.

– O pai de Diana morreu quando ela era muito jovem. – Matthew segurou minha mão.

– Sinto muito por você, Diana. A perda de um pa-pa-pai é um golpe terrível – murmurou Henry.

– E seu primeiro marido, deixou-a com filhos e filhas como consolo? – perguntou Walter, com um traço simpático na voz.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Sombra da Noite"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).